

# MADAT

Museu  
Arte  
Arquitetura  
Tecnologia

# Black Ancient Futures



## MAAT Garden

**Jota Mombaça**

*Não Esqueço Nunca Mais*, 2024

**Nolan Oswald Dennis**

*Recurse 4 [3] Worlds*, 2018 – em curso



## MAAT Central

**Baloji**

*Altar / Peau de chagrin / Bleu de Nuit*,  
2018–2024

**April Bey**

*We Learned to Love Ourselves until We Were  
Full until We Did Not Need Yours until  
We Realized Our Own Was Enough*, 2023

**Jeannette Ehlers**

*We're Magic. We're Real #3 (Channeling  
Re-existence into Hallowed Grounds  
of Healing)*, 2021  
*We're Magic. We're Real #2*, 2021

**Kiluanji Kia Henda**

*O Manto da Apresentação  
(Segundo Arthur Bispo do Rosário)*, 2020

**Sandra Mujinga**

*And My Body Carried All of You*, 2024

**Nolan Oswald Dennis**

*Eclipse Study Chart*, 2024



## MAAT Galeria

**Evan Ifekoya**

*Ritual Without Belief*, 2018  
*The Welcome (from "Resonant Frequencies")*, 2022

**Lungiswa Gqunta**

*Sleep in Witness*, 2024

**Kiluanji Kia Henda**

*Icarus 13. The first journey to the sun*, 2013

**Gabriel Massan**

& Collaborators  
*Third World: The Bottom Dimension*,  
2023 – em curso

**Jota Mombaça**

*Seu Sangue É Terra que Ninguém Pisa*, 2024

**Tabita Rezaire**

*Peaceful Warrior*, 2015  
*Ultra Wet – Recapitulation*, 2017

A exposição *Black Ancient Futures* reúne trabalhos de 11 artistas da vasta diáspora africana, muitos deles pela primeira vez em Portugal, em vários espaços do museu – nos dois edifícios, MAAT Gallery e MAAT Central, e no MAAT Garden.

Os trabalhos apresentados resultam do cruzamento de características específicas da cultura africana com outras culturas e outros espaços geográficos e revelam a energia própria e original do destino viajante da condição africana – de exílio e fixação, forçados pelo contexto escravagista, ou de migração desejada ou forçada pelas atuais condições de crise global, económica, política e climática –, proporcionando um universo de possibilidades criativas.

Partindo das complexas estruturas do denso e desconhecido pensamento visual e filosófico africano (rico em referências específicas ao misticismo e à mitologia, à ecologia e à política, à ficção e à história), mas nunca alheados da cultura e da economia, da tecnologia e da ciência da era pós-industrial global em que vivemos, estes artistas propõem um vasto conjunto de narrativas e imagens alternativas que desafiam as representações dominantes de África no imaginário ocidental.

As suas obras reimaginam um passado, um presente e um futuro para a experiência artística negra na sua realidade transcontinental, contribuindo para o próprio desenvolvimento global da arte contemporânea. São propostas que não ilustram uma corrente ou movimento historicamente definidos e que não se fixam numa leitura ideológica fechada, que convocam técnicas, disciplinas e linguagens diversas, combinando delirantes fantasias

formais, cromáticas e sonoras, experiências matéricas, saltos temáticos e temporais, referências diretas a espiritualidades não-ocidentais com o uso ou evocação de tecnologias pós-industriais na criação de narrativas mágicas ou de ficção científica.

Nestas obras, a crítica histórica, política, social e cultural, a sátira e a ironia, o lirismo e a épica cruzam-se para ensaiar futuros positivos, partindo não só da dor ou do sofrimento que a herança escravagista ainda significa, mas também convocando passados de abundância (pré-colonial). Os seus autores tentam assim reverter os sentidos da história abrindo vias para outros imaginários culturais e sociais, integrando os recursos e as problemáticas atuais em realidades não-materialistas que se afirmam como estratégias oníricas, de cura e bem-estar coletivos, sugerindo a possibilidade de um universo de espaços utópicos favorável a mudanças de perspetiva, tanto sobre a justiça racial e histórica que assumem, como perante as hierarquias e as geografias da criação contemporânea que navegam.

João Pinharanda e Camila Maissune

**Baloji** (República Democrática do Congo, 1978) vive na Bélgica, onde desenvolve trabalho em várias áreas. A sua obra parte de elementos da cultura congoleza e explora a ligação das suas tradições com as linguagens das vanguardas europeias. As questões do mundo contemporâneo são abordadas através de complexas narrativas centradas na identidade e na sua pluralidade. Baloji recorre ao realismo mágico e onírico para representar a sua visão sobre estes temas intensos de uma forma mais indireta, permitindo-se criar obras com carácter surrealista. As suas obras, quer sejam músicas, filmes ou outras, são reconhecidas pela utilização inovadora de máscaras e simbolismos africanos, cores e sons, ligados por sinestesia, para criar narrativas estimulantes e imersivas, para as quais convoca frequentemente símbolos tradicionais africanos e, em simultâneo, elementos modernos e futuristas, associando o familiar ao extraordinário.

---

**April Bey** (Bahamas, 1987) vive e trabalha em Los Angeles como artista visual e professora. O seu trabalho artístico é uma crítica introspetiva e social da cultura americana e bahamense, do feminismo, dos meios de comunicação social, do pós-colonialismo, do afro-futurismo, do afro-surrealismo e das estruturas raciais interiorizadas pelos sistemas supremacistas, imaginando futuros alternativos onde a tecnologia e a cultura africana se entrelaçam de maneiras inovadoras e emancipadoras. As obras de Bey tecem uma crítica audaciosa à integração e à monetização da política radical através de vários meios, tal como a pintura, os têxteis, a fotografia ou a instalação. Com o intuito de desafiar as normas patriarcais, a artista celebra

a afirmação feminina. No entanto, não se refere apenas a temas sociais e políticos, mas também reflete na sua prática a ecologia e a sustentabilidade, incluindo o hiperconsumismo e a cultura pop, e averiguando o impacto e a influência dos *media* e do consumismo na formação de identidade e valores sociais.

---

**Jeannette Ehlers** (Trindade e Tobago, 1973) é uma artista dinamarquesa-trinitária que vive e trabalha em Copenhaga. O seu trabalho aborda temas e questões relacionadas com a memória, a raça e o colonialismo e, nas suas obras, recorre muitas vezes à autorrepresentação e à manipulação de imagens para convocar espectros e perturbações pós-coloniais. Articulando sequelas materiais e afetivas do impacto colonial da Dinamarca nas Caraíbas e da sua participação no tráfico transatlântico de escravos, ambas realidades frequentemente esquecidas na historiografia, relembra a todos os que contemplam as suas obras que os acontecimentos históricos não são passado.

Nas suas performances, Ehlers utiliza o corpo como uma ferramenta central, explorando a forma como o corpo negro é visto e tratado na sociedade. Nestas obras, utiliza o “cabelo afro” como um símbolo recorrente de libertação no campo da contracultura negra, especialmente promovido pelos movimentos pan-africanos dos direitos civis da década de 1960. Por vezes complementa-as com vídeos e sons, criando imagens que desafiam a percepção convencional da realidade.

**Lungiswa Gqunta** (África do Sul, 1990), na sua prática artística, debate-se com questões relativas ao pós-colonialismo sul-africano e ao cenário político contemporâneo do seu país. Simula experiências multissensoriais que tentam demonstrar os desequilíbrios sociais derivados do colonialismo e do patriarcado. Ao abordar estes temas, a artista cria um sentimento de desconforto ou incómodo, por meio de rituais que portam memórias coletivas de resistência, como a luta contra o *apartheid* na África do Sul. Esses rituais, não só ajudam a preservar e honrar a história de luta da comunidade, como definem uma visão de futuro idealizado ou um refúgio da dura realidade, servindo como meios de resistência psicológica e emocional. Para além disso, Gqunta frequentemente questiona o que acontece durante o sono e durante os sonhos, pensando o sono como um espaço que permite uma nova forma de estar. Nos seus trabalhos utiliza materiais encontrados, como garrafas de cerveja vazias, gasolina, lençóis rasgados e estrados de madeira usados.

---

**Evan Ifekoya** (Nigéria, 1988) vive e trabalha em Londres. Através da sua arte, Ifekoya desafia regras e hierarquias implícitas em espaços públicos e sociais e reflete sobre seu papel como praticante espiritual de origem africana para redistribuir e negociar recursos e para investigar a cura (como algo que podemos alcançar por nós próprios), a resistência e a memória coletiva. O seu trabalho muitas vezes desafia as normas de género e sexualidade, procurando criar espaços de visibilidade e afirmação para as comunidades *queer*. Trabalha a abundância de identidades, experiências e espiritualidades, especialmente dentro das comunidades negras e LGBTQIA+. Como artista e praticante espiritual, procura

contribuir para a desmistificação da espiritualidade e do esoterismo, defendendo que estão eminentemente ligadas à saúde mental.

O som é um elemento substancial na obra de Ifekoya. É através dele que pratica a cura, como herança divina, explorando as frequências ressonantes e convidando o espectador a descobrir-se a si próprio.

---

**Kiluanji Kia Henda** (Angola, 1979) vive e trabalha em Luanda. Nos seus trabalhos, incentiva o pensamento crítico sobre a sociedade atual, abarcando temas como a política, a identidade e o complexo relacionamento de África com o Ocidente, evocados de uma forma poética ou satírica, muitas vezes utilizando um humor inesperado. Rodeado por entusiastas da fotografia e das artes em Angola, desenvolveu um trabalho conceptualmente apurado por estar ligado à música e ao teatro e por pertencer a um coletivo de artistas. Grande parte do trabalho de Kia Henda fundamenta-se na história, apropriando e manipulando espaços e estruturas públicas, além das variadas representações que compõem a memória coletiva, a fim de reproduzir imagens complexas e impactantes. O facto e a ficção entrelaçam-se, assim como o humor, e a ficção torna-se uma ferramenta para pensar a partir de novas perspectivas. Características que são identificáveis nas suas obras através das personagens e histórias que ele imagina e que interagem com contextos reais, acabando por fundir realidade com fantasia.

**Gabriel Massan** (Brasil, 1996) vive e trabalha entre Paris e Berlim. Massan, através de ferramentas digitais, cria mundos que simulam e narram situações de desigualdade dentro da América Latina. Combina técnicas de narrativa e construção de mundos para gerar uma prática conceptual a que chama “arqueologia ficcional”: esculturas digitais, animação 3D, jogos, sons e instalações interativas simulando experiências de vida negra-indígena e latino-americana. Esta permite-lhe reinterpretar e recontextualizar histórias e criar novas personagens e cenários visualmente impactantes, com uma estética digital eufórica com elementos de mitologia, história e ficção científica. Estes mundos virtuais servem também como espaços de resistência e imaginação de histórias que desafiam as estruturas de poder existentes e abrem caminho a novas possibilidades. Assim, Massan convida o público a participar e a interagir com personagens e ambientes virtuais por ele criados e a ter contacto com vivências das sociedades marginalizadas.

**Jota Mombaça** (Brasil, 1991), “bicha não binária, nascida e criada no nordeste do Brasil”, vive e trabalha entre Fortaleza, Lisboa e Berlim. Uma artista interdisciplinar e “não-disciplinar”, cujo trabalho se desenvolve numa ampla variedade de meios e técnicas. A sua obra reflete as tensões entre os desejos de visibilidade e os impulsos de autopreservação vividos por artistas trans radicalizados, abordando os temas dos estudos da comunidade *queer*, justiça anticolonial e redistribuição da violência a partir de perspectivas poéticas e teórico-críticas. Debruça-se ainda sobre a continuidade dos traumas provocados pelo comércio transatlântico de escravos e sobre

o impacto crescente da crise climática na realidade social e cultural. Mombaça inspira-se na ficção visionária como uma ferramenta para imaginar e criar realidades alternativas, especulando futuros pós-apocalípticos ou utópicos e explorando novas possibilidades de existência, numa prática artística que abre espaço para vozes marginalizadas e convida a pensar, além das limitações do presente, uma tentativa de salvação do futuro.

**Sandra Mujinga** (República Democrática do Congo, 1989) vive e trabalha na Noruega, expressando-se principalmente através de vídeo, som, escultura e performance. No seu trabalho, trata questões como a autoapresentação, preservação e aparência, recorrendo a uma abordagem interdisciplinar, na qual normalmente convoca temas como o das políticas de identidade e visibilidade, questionando a forma como os negros são representados no mundo real e digital. Relaciona ainda o antropocentrismo com questões ecológicas para compreender o mundo efémero que hoje ocupamos e como a tecnologia pode também afetar a natureza e o ambiente.

A prática multidisciplinar de Mujinga é impulsionada por um interesse pelo corpo ou pela sua ausência. Nas suas aterradoras instalações, surgem figuras fantasmagóricas encapuzadas, esculturas que se assemelham a peles esfoladas e criaturas híbridas fantásticas. A artista inspira-se em estratégias de sobrevivência dos animais, como a camuflagem e a noturnidade, no conceito de “criação de mundos” da ficção científica, no pensamento pós-humanista e no afrofuturismo. Mujinga propõe um mundo imaginário em que a existência do ciborgue não constitui uma ameaça à humanidade, mas sim atua em sua proteção.

**Nolan Oswald Dennis** (Zâmbia, 1988) vive e trabalha entre Joanesburgo e o Reino Unido. As suas obras expõem as modalidades de atuação do colonialismo e como este continua a influenciar as estruturas sociais e políticas contemporâneas e a ter impacto nas infraestruturas de organização da sociedade. Através de uma linguagem de diagramas, desenhos e modelos estruturais, imagina futuros alternativos, criando visões utópicas, mas também distópicas, das sociedades futuras. Oswald Dennis trabalha uma gramática de criação de mundos utilizando dispositivos indexicais, analíticos e educativos como ferramentas enigmáticas para estudar possíveis significados. Com os seus diagramas, proporciona uma forma única e cativante de visualizar e compreender a dinâmica intrínseca e muitas vezes oculta que define o nosso mundo. Estes diagramas permitem relacionar várias coisas, exigindo um pensamento sobre objetos muitas vezes irrefletidos, e estão aptos a transmitir ideias complexas através de formas simples. Esta abordagem convida o público a envolver-se com as ideias apresentadas, obrigando a uma análise e interpretação aprofundadas das relações entre os corpos.

---

**Tabita Rezaire** (França, 1989) tem ascendência guianesa e dinamarquesa. Muitos dos seus trabalhos tratam da interseção da tecnologia, espiritualidade e descolonização, questionando como as tecnologias digitais podem ser ferramentas de opressão e colonização e, simultaneamente, potenciais meios de resistência e libertação. Inspirado pela mecânica quântica e cósmica, o trabalho de Tabita está enraizado em espaços-tempo onde a tecnologia e a espiritualidade se

cruzam, unindo saberes ancestrais e práticas tecnológicas contemporâneas.

A espiritualidade é fulcral na obra de Rezaire, a qual incorpora frequentemente práticas e filosofias espirituais africanas e indígenas. A artista inclui-se muitas vezes nos seus vídeos e obras digitais, considerando o corpo como uma tecnologia. Considera-se a si mesma uma ferramenta de cura, e utiliza a arte como meio para desenvolver a alma.

Rezaire aborda a interconectividade de todas as coisas, quer através da tecnologia, quer da espiritualidade, reconhecendo que a tecnologia pode ser um meio para alcançar um entendimento mais profundo da nossa interconexão. Imagina, ainda, um mundo afro-futurista otimista onde tecnologia e espiritualidade, fortalecendo-se mutuamente, possibilitam o empoderamento das comunidades africanas.

**Black Ancient Futures**  
18/09/2024-17/03/2025

#### **Artistas**

Baloji, April Bey, Jeannette Ehlers,  
Lungiswa Gqunta, Evan Ifekoya,  
Kiluanji Kia Henda, Gabriel Massan,  
Jota Mombaça, Sandra Mujinga,  
Nolan Oswald Dennis, Tabita Rezaire

#### **Curadoria**

João Pinharanda, Camila Maissune

#### **Coordenação de projeto**

Camila Maissune

#### **Produção**

Adriane Kampf, Fernando Ribeiro  
Assistência: Bárbara Serôdio,  
Teresa Valente (estagiária)

#### **Comunicação e relação com os media**

Elisabete Sá, Leonor Carrilho,  
Mariana Madeira (estagiária)

#### **Marca**

Matilde Raposo, Mariana Líbano  
Monteiro, Francisca Pereira

#### **Serviço visitante e educativo**

Raquel Eleutério, Joana Simões  
Henriques, Vera Barreto,  
Nelson Rodrigues, Ana Cachado,  
Inês Sampaio, Tiago Serôdio

#### **Coordenação editorial**

Nuno Ferreira de Carvalho

#### **Design gráfico**

Claudia Lancaster

MAAT - Museu de Arte,  
Arquitetura e Tecnologia  
Av. Brasília, Belém  
1300-598 Lisboa

+351 210 028 130  
+351 210 028 102  
maat@edp.pt

#### **Textos**

João Pinharanda, Camila Maissune

#### **Arquitetura**

Tiago Botelho Alberto, Gil Sousa Dias  
(Lupastudio)

#### **Tradução e revisão**

Theodora Bradford, Dominic Zugai,  
Carina Ribeiro, Ana Yokochi  
(Kennis Translations)

#### **Agradecimentos**

ArtWorks, Goodman Gallery, Serpentine  
Galleries, Vielmetter Los Angeles

#### **Mecenas MAAT**



#### **Patrocínio**

**inetum.™**

#### **Agenda**

Visita com Lungiswa Gqunta,  
Evan Ifekoya, Kiluanji Kia Henda,  
Camila Maissune, Jota Mombaça,  
João Pinharanda: 18/09/2024, 18.30.

Performance de Jeannette Ehlers  
com a participação de Laura Beaujour,  
Marisa Paulo e N▲N▼: 04/10/2024,  
18.00.

#### **Publicações**

Catálogo a publicar pela Hirmer Verlag  
durante a exposição.

Mais informações  
e outros conteúdos  
maat.pt  
ext.maat.pt

  
@maatmuseum  
#maatmuseum



guia de visita



18/09/2024 → 17/03/2025

